

MARCAS NÃO DESEJADAS NA TELEVISÃO BRASILEIRA:

UMA BREVE ANÁLISE DO CAPITAL FÍSICO DAS ATRIZES GLOBAIS

Por CARLISE NASCIMENTO BORGES
Mestranda em Comunicação (FACOMB - UFG)
carlise.com@gmail.com

RESUMO: Contando principalmente com o suporte da mídia, é notável a consolidação de padrões rígidos de beleza, principalmente para mulheres. Este artigo faz uma análise de algumas atrizes em envelhecimento, observando suas atitudes em relação ao corpo, plástico e mutável, que se torna elemento fundamental para alavancar o consumo das subjetividades, e que é componente fundamental na representação midiática das mesmas.

ABSTRACT: Counting first with the media support, it is notable the consolidation of rigid models of beauty, mainly for women. This paper does an analysis of some aging actresses, looking for their attitudes toward the body, plastic and mutable, which becomes a fundamental element to boost the subjectivities' consumption, and that is a fundamental component in media representation of them.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; representação; envelhecimento feminino; corpo; consumo.

KEY-WORDS: media; representation; female aging; body; consumption.

Introdução

As novas práticas de consumo voltadas à estética do corpo proporcionam o “culto ao corpo” (CASTRO, 2009), onde os recursos disponíveis para as mutações corporais de todos os tipos estão presentes na realidade e na imaginação de um número cada vez maior de mulheres. Certamente não é ao acaso que as academias de ginástica estejam cada vez mais lotadas; que as clínicas de estética estejam oferecendo fórmulas inovadoras para solucionar as imperfeições do corpo; que há toda uma “indústria da beleza”, por trás da busca da eterna

juventude; e que a medicina está sempre criando e investindo em novas tecnologias, cada vez mais apuradas. Também não é sem motivo que a mídia, esteja cada vez mais, destinando para as mulheres uma diversidade de “dicas” e conselhos, mostrando na veiculação de suas imagens e por meio de seus discursos autoritários, o corpo feminino que se deve ter e buscar incansavelmente.

Com o aumento da expectativa de vida no Brasil¹ e com a respectiva chegada do envelhecimento, as mulheres percebem um distanciamento do modelo ideal de corpo, e tendem a investir freneticamente em sua

busca, buscando transformações de todo tipo para alcançar o modelo de corpo e juventude que muitas vezes são inalcançáveis. Situação que estabelece um estado de sujeição, no qual as mulheres assumem a condição de perseguidora compulsória de vitrines, imagens e corpos largamente em exposição.

A partir desta tendência que encarcera a subjetividade feminina em torno de uma eterna juventude expressa principalmente no corpo, pretende-se discutir neste artigo como as marcas advindas com o envelhecimento² são tratadas pelas atrizes brasileiras, visto que estas vivem, prioritariamente, de sua imagem, e acabam representando as mulheres brasileiras por meio das tramas que encenam nas telenovelas brasileiras.

Ditadura da beleza feminina no Brasil

Foi durante a década de 1960 que o interesse e a preocupação em se estudar os “defeitos” do corpo tomaram grandes proporções. Neste momento, as noções de saúde e juventude tendem a deixar de ser qualidades de vida e passam a ser consideradas características essenciais do

indivíduo, que deve ser buscada e alcançada a qualquer custo. Ao mesmo tempo, o gosto acentuado pela exibição de imagens de corpos “perfeitos” torna-se rotineiro e massivo. Villaça (2007, p.201) coloca que “o corpo não precisava mais ser direcionado no sentido de ‘encaixar-se’ nas roupas. A roupa moldava-se a um corpo já previamente disciplinado”, na concepção foucaultiana do termo. O corpo cada vez mais jovem, saudável e magro é vendido como a embalagem ideal para a mulher moderna, que tem no corpo a vestimenta do próprio “eu”. “O corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugos, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido” (GOLDENBERG, 2007, p.25). O corpo indisciplinado passa a ser visto como resultado da negligência e da ausência de cuidado de si. “Com disciplina e boa vontade, qualquer um poderia alcançar uma aparência mais próxima do padrão de beleza vigente. Àqueles que não o alcançam é reservada a estigmatização³, o desprezo e a falta de oportunidades” (CASTRO, 2009, p.76).

O corpo mal cuidado, mal tratado, é tido como um corpo feio, e o imaginário presente na sociedade é povoado por associações estéticas que relacionam pessoas com aparências estranhas aos padrões de corpo e beleza a qualidades negativas. Desta maneira, percebe-se a existência de estereótipos morais associados à beleza e a feiura. Freire Filho (2005, p.22) apresenta os estereótipos como “construções simbólicas enviesadas, infensas à ponderação racional e resistentes à mudança social”. Desta maneira, as associações da feiura com qualidades ruins, negativas, fazendo com que a gordura e os sinais do envelhecimento – por mais insignificantes que sejam – sejam vistos como sinônimo de preguiça, doença, deselegância e incapacidade, se fazem presente dentro da sociedade encarcerando as subjetividades das mulheres brasileiras. Como se percebe, é difícil reconhecer que se está envelhecendo porque a velhice é sempre associada à perdas e à decadência, muito mais que à experiência e sabedoria acumulada. “Não há que estranhar então a recorrência generalizada de mecanismos de resistência ao envelhecimento.

E que eles sejam desenvolvidos principalmente pelas mulheres, a quem tradicionalmente foram cobradas juventude e beleza, contenção e disciplina” (MOTTA, 2006, p.229).

Segundo Barros (2006), o envelhecimento como um estigma, não está ligado à idade cronológica, mas sim à valores e conceitos depreciativos, tais como a falta de “beleza”, a doença, o fim da vida, a inatividade, a falta de consciência. Diante disso, nota-se que a estigmatização da velhice não se coloca para todos, mas apenas para alguns indivíduos. Especificamente para aqueles indivíduos que não seguem o discurso medicalizado de como “envelhecer bem”. A mídia tende a convocar, principalmente as mulheres, mesmo aquelas que ainda não tenham entrado na fase de envelhecimento, para uma verdadeira batalha contra o avanço da idade, oferecendo e ensinando diversas maneiras e métodos capazes de evitar ou retardar o envelhecimento.

O que se tem de fato na sociedade brasileira é a transformação do envelhecimento em uma responsabilidade individual, e, os problemas ligados a esta fase da vida passam a ser tratados

como culpa exclusiva de quem não toma os devidos cuidados para evitá-los. Debert (1999) nomeou como “reprivatização da velhice” esse processo de responsabilização individual onde o direito de escolha se transforma em um dever, em uma obrigação de cada um. Desta forma, o envelhecimento passa a ser ele próprio um novo mercado de consumo que, de acordo com Debert (1999, p.68) “sugere, por um lado, que o corpo é pura plasticidade e que é dever de todos manterem-se jovens”. Na realidade, o que é vendido é um estilo de vida saudável, que precisa começar desde a juventude, para que esta se conserve até muito mais tarde.

Marcas não desejadas na televisão brasileira

Essa sugestão de estilos de vida, criando uma série de comportamentos de consumo, indicam como as mulheres que não querem envelhecer devem proceder. A ideia de plasticidade do corpo faz com que suas imperfeições não sejam tidas como naturais, nem imutáveis, e o avanço das biotecnologias proporcionam a oportunidade

de frear essas imperfeições. O corpo se torna um capital (GOLDENBERG, 2007) que tem valor de troca, traduzindo os valores que assumem uma sociedade voltada para o consumo. “O corpo visto como capital [...] precisa ser investido e trabalhado, para ser valorizado e possuir condições de competitividade. A consciência corporal é de tal ordem que parece impensável não investir tempo e dinheiro em tal projeto” (NOVAES, 2010, p.58).

Dessa forma, não é eventual que as intervenções cirúrgicas estéticas estejam cada vez mais presentes no cotidiano do público feminino. Atualmente, o Brasil ocupa o segundo lugar no ranking mundial de cirurgias plásticas, perdendo somente para os Estados Unidos⁴. De acordo com Goldenberg (2007, p.26) no Brasil “são três as principais motivações para fazer uma plástica: atenuar os efeitos do envelhecimento, corrigir defeitos físicos e esculpir um corpo perfeito”. Sobretudo, quando se está sob os holofotes da mídia, estas mudanças corporais são ainda mais requeridas.

As atrizes que interpretam telenovelas, por exemplo, estão representando papéis que são

consumidos visualmente e subjetivamente o tempo todo. Sendo assim, elas precisam manter um corpo nos moldes dos padrões até mesmo para conseguirem um novo papel para atuar. É muito raro ver atrizes que assumem suas marcas do envelhecimento, atuando nas telenovelas. O que se vê são atrizes “maduras”, mas que aparentam um alto valor de juventude: não possuem rugas, possuem lábios grandes, cabelos muito bem pintados e tratados, possuem apetite sexual, são profissionais, mães e “boas esposas”, dentre outras características que remetem a “beleza” e a mobilidade da juventude.

De acordo com Freire Filho (2005, p.20) “é por intermédio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência, àquilo que somos e àquilo que podemos nos tornar”. Deduz-se então que se aplicarmos este conceito à mídia, pode-se entender essa incidência como a capacidade de incorporação, na representação, de valores que são reconhecidos pela sociedade, reforçando e estimulando determinados comportamentos e discursos

que se tornam dominantes. Essa incorporação não acontece de maneira impositiva, muito menos de maneira explícita para o público; mas antes de forma subliminar, não consciente, no nível da percepção humana. Segundo Freire Filho (2005) essas representações são reguladas pelos diferentes discursos – os ditos e os “não-ditos” – que circulam em um determinado período dentro da sociedade. Kellner (2001, p.82) concorda com essa afirmação, dizendo que “são as representações que ajudam a construir a visão de mundo do indivíduo, o senso de identidade e sexo, consumando estilos e modos de vida”.

Hall (1997) destaca que o conceito de representação tem ocupado um importante lugar, pois é o elemento que liga o significado – o sentido das coisas – à cultura, ou seja, o significado é construído pelo sistema de representação. Isso acontece porque o significado é aprendido e se torna parte dos processos culturais. O indivíduo inconscientemente internaliza o código que expressa certos significados através dos sistemas de representação. Isto só é possível porque na mídia o que está sendo representado possui

de fato propriedades daquilo que está sendo representado. Exemplificando, ao falarmos das atrizes em envelhecimento que representam personagens em envelhecimento, é perceptível que elas realmente estão lá. Elas estão agindo, falando, interpretando. Elas existem de fato. Elas representam mulheres em envelhecimento e são mulheres em envelhecimento, ou seja, existem propriedades reais na representação.

Por compreenderem – de forma inconsciente ou consciente – este “real” existente na representação, as atrizes se encontram encarceradas num mundo onde a imagem é o mais importante, fazendo uso de tratamentos estéticos, treinos em academias de ginástica e dietas balanceadas. Desta forma, é preciso empregar muitas vezes métodos que tragam a imagem desejada com mais agilidade e precisão, e este é o momento em que as atrizes buscam as cirurgias plásticas estéticas. Um dos procedimentos preferidos entre elas é a aplicação de Botox⁵ (toxina botulínica) no rosto, visto que esta parte do corpo, no caso das atrizes é o que vai aparecer mais, e onde estará focada toda a sua expressão e caracterização

do personagem. Mas desse ponto decorre também uma problemática: se o Botox paralisa o músculo, o rosto fica então, sem expressão; fica paralisado. E isso no caso de atrizes, que vivem os personagens por meio das expressões faciais, se torna um impasse. Será mais viável se manter com uma imagem jovem ou assumir o envelhecimento e manter uma boa expressão em cena? A resposta à esta pergunta faz com que as atrizes discordem em relação ao tratamento estético facial.

Atuando em telenovelas que estão “no ar”, as atrizes Cássia Kiss⁶, Christiane Torloni⁷, Lília Cabral⁸ e Regina Duarte⁹ serão utilizadas neste artigo para uma breve análise. Todas com aparência muito jovem – o que talvez faça com que sejam ainda convidadas para trabalhar em telenovelas – as quatro atrizes afirmam nunca ter utilizado a toxina botulínica, mas divergem sobre um possível uso no futuro. A atriz Cássia Kiss causou polêmica em uma entrevista à revista *Veja* (jul. 2011), quando disse: “detesto plásticas e Botox. Odeio também quem faz. É lamentável ver como minhas colegas de profissão ficam horrorosas”¹⁰. Sua personagem

obteve destaque justamente pelas rugas e marcas de expressão, que foram ainda mais destacadas, pois sua personagem era uma mulher muito pobre, portanto, neste caso, foi permitido enaltecer as marcas geralmente tão indesejadas. Talvez a personagem foi aceita com suas rugas porque no imaginário do público que consome a trama, o que ronda é a ideia de “coitadinha”, porque não teve como se cuidar, visto a sua pobreza, então ela acaba sendo perdoada por sua aparência maltratada. Se fosse uma personagem rica, seria inadmissível que estas rugas estivessem presente, pois esta teria todos os recursos disponíveis para os cuidados corporais, e seria obrigação fazê-lo, o que remete ao conceito de Debert (1999) de reprivatização da velhice.

Outro ponto interessante da entrevista de Cássia Kiss é que ao falar de sua personagem, a atriz disse se sentir mais envelhecida que uma mulher de 87 anos (devido suas rugas e linhas de expressão a mostra, e a uma prótese dentária). O que é possível perceber é que poucas rugas já denotaram para ela uma mulher em um processo de

envelhecimento bem avançado. Mas a pergunta é: será que uma mulher de 87 anos não se sentiria feliz com a quantidade de rugas de Cássia Kiss? Desta maneira, percebe-se que a menor marca de envelhecimento, já é tratada como pertencente a algo que virá bem lá na frente, depois dos 80 anos de idade. Fato este que vem de encontro ao que Debert (1999) chama de “autoconvencimento” do envelhecimento, onde a mulher só envelhece se realmente quiser envelhecer. Existe uma negação do envelhecimento, como se fosse algo muito distante de sua vida, mesmo a atriz tendo 53 anos de idade.

Já a atriz Christiane Torloni não tem uma postura tão radical, apesar de também condenar o uso do Botox pelas atrizes. Em entrevista a revista Boa Forma (out. 2011) a atriz diz que já realizou vários procedimentos cirúrgicos ao longo da carreira, mas não faz nada que agrida o seu corpo, “muito menos Botox, pois engessa a expressão”¹¹. Atuando na mesma telenovela, a atriz Lilia Cabral afirma para o portal Terra (set. 2011) que nunca fez cirurgia plástica nem aplicou Botox, pois tem uma genética boa de família e se cuida. Mas

quando questionada se é a favor da plástica, ela responde: “em caso de necessidade, sou sim. Mas enquanto eu puder, vou evitar”¹². As duas atrizes vivem personagens de classes sociais totalmente diferentes. A personagem de Christiane Torloni é de classe alta, enquanto a de Lilia Cabral é de classe baixa. A primeira não trabalha e tem uma vida de “madame” dentro de casa, enquanto a segunda trabalha o dia todo para ajudar no sustento da casa, pois é viúva, e os filhos dependem única e exclusivamente dela. Um fator interessante é que a personagem de Lilia Cabral é masculinizadas: se veste, se comporta e trabalha como um homem. A atriz deixou de fazer as unhas, pintar o cabelo e deixou o bigode crescer para viver a personagem. Em um embate entre as duas personagens, Tereza Cristina (Christiane Torloni) que está sempre muito bem vestida, maquiada e sobre saltos altíssimos, chama Grizelda (Lilia Cabral) de “mulher de bigodes” para afrontá-la. Dentre todas as caracterizações que teve que fazer para a personagem, Lilia Cabral disse que deixar o bigode crescer foi com certeza a mais difícil. Não é por acaso que este

é o ponto em que a personagem de Torloni utiliza para diminuí-la. Durante a trama a personagem Grizelda ganha na loteria e vira uma mulher milionária, e, a partir deste momento, sua caracterização física começa a mudar. A primeira ação foi a de tirar os bigodes (depilar o buço) e mudar as roupas, colocando roupas mais femininas. Mais uma vez tem-se demonstrado a questão da responsabilização pela aparência, e o atravessamento desta questão pelo fator classe social. Grizelda, enquanto pobre – assim como a personagem de Cássia Kiss em outra telenovela – não tinha tempo nem dinheiro para investir em sua aparência, enquanto Tereza Cristina se mostra sempre bonita e jovial – pois sua classe social permite e convoca para que ela utilize todos os recursos para se manter desta forma. Mas, no momento em que Grizelda fica rica, ela tem a obrigação de se cuidar, pois agora tem todos os recursos em sua mão, e, caso se comportasse diferente, poderia ser acusada pela sociedade como uma mulher negligente, visto que a responsabilidade com a aparência pertence somente a si. E, antes mesmo de pensar em o que fazer com o dinheiro, a

personagem vai cuidar primeiro de sua aparência.

Existe também a questão da sua transformação deixando a masculinidade: de macacões ela passa a usar vestido e se arrumar um pouco mais. Novaes (2006, p.85) declara que na sociedade “este é um dos pontos mais enfatizados no discurso sobre a mulher: ela pode ser bonita, deve ser bonita, do contrário não será totalmente mulher” (grifo nosso). A autora complementa colocando que para as mulheres “não cultivar a beleza é falta de vaidade – um qualitativo depreciativo da moral” (NOVAES, 2006, p.71). Sendo assim, o discurso interiorizado é de que a mulher “feia” é menos feminina. O que pode explicar os estereótipos aplicados às personagens, e, particularmente, explicar o fato da personagem Grizelda assumir um papel mais masculinizado no início da telenovela, enquanto era pobre.

A atriz Regina Duarte (a mais velha em idade de todas as atrizes) ficou alguns anos sem ser convidada para atuar em telenovelas. Para retornar à TV ela declarou em uma entrevista à revista Quem (jul. 2011) que teve que realizar alguns procedimentos

estéticos. Ela diz que emagreceu quase quatro quilos e fez um tratamento estético facial com laser, conhecido como Legato13. Sobre aplicações de Botox ela afirma: “Sou atriz, imagina se vou fazer Botox. Preciso de toda minha musculatura livre”¹⁴. Apesar de falar contra o Botox, a atriz confirma que aos 38 anos de idade realizou uma cirurgia plástica que modificou muito a expressão de seu rosto.

A questão é: a atriz é contra aplicação de Botox, mas conseguiu achar outro meio para retardar as marcas do envelhecimento. E talvez fosse isso mesmo que a atriz devesse fazer, além da dieta que a fez emagrecer, pois por que será que a atriz deixou de ser chamada para atuar durante vários anos? Pode ser que um dos motivos fosse o capital físico da atriz. Talvez os produtores e diretores encontraram atrizes em idade semelhante a de Regina Duarte, que estivesse mais “adequadas” a vender uma imagem ao público, com os chamados valores da juventude mais estampados. Uma prova disso é que sua personagem tem cenas “quentes” com um namorado pelo menos 30 anos mais novo que ela, representando

mais uma vez a negação do envelhecimento, onde, devido aos sintomas do climatério¹⁵, a mulher tende a perder sua libido. Mas, ao participar de tais cenas, o envelhecimento é negado novamente.

Conclusão

Diante dos apontamentos teóricos e desta breve análise realizada por meio de entrevistas concedidas pelas atrizes, é possível obter algumas considerações. Primeiramente é notável que o valor das mulheres está totalmente vinculado à imagem, expressa primeiramente pelo corpo – que se torna controlado, mutilado e alvo de grandes investimentos financeiros. No caso particular das atrizes, esta imagem deve ser ainda mais investida de valor, visto que elas estão representando na televisão mulheres que pretendem se aproximar cada vez mais da realidade. Mas, na verdade, esta realidade que elas representam, se torna uma realidade inventada (em consonância com o público), maquiada e sugerida pela própria mídia, e que tende a ser seguida pelo público que a consome.

A correlação entre estas atrizes e as mulheres que as consomem, visualmente falando, é extensa, pois elas se tornam espelhos umas das outras. As mulheres – e agora incluindo as atrizes também – parecem se sentir obrigadas a consumir produtos, técnicas ou estilos de vida, porque temem as marcas do tempo em sua pele e precisam permanecer com um corpo jovem ou bem próximo a ele. O consumo de um corpo novo, constantemente, reflete em suas subjetividades, que as faz se sentirem mais femininas, mais seguras, ou ainda, mais felizes, consigo mesmas e para o olhar do outro.

As mulheres acreditam, em uma primeira instância, que todo esse processo de renovação corporal é uma afirmação da autonomia em relação a seus corpos, porém, elas parecem não se dar conta da armadilha e da ditadura em que parecem estar aprisionadas. Nesta constante necessidade da mudança corporal, no intuito de retardar o envelhecimento e esculpir um corpo ideal, as mulheres lançam mão de horas em academias de ginásticas, se submetem a regimes e

dietas excessivas, fazem uso de cosméticos e farmacológicos sem estarem necessariamente doentes, e passam por intervenções estéticas, inclusive cirúrgicas – das mais simples as mais complexas – cada vez mais frequentes a fim de expressar a sua subjetividade jovial, através de sua imagem, utilizando-se do corpo para alcançar este objetivo. A rigorosa disciplina necessária para tanto, parece não diminuir a determinação na busca dessas mulheres.

O fato de o espelho e a balança serem os atuais opressores da chamada mulher moderna parece ser desconsiderado por elas. As atrizes citadas, por exemplo, se não estiverem sempre mantendo os cuidados necessários com seus corpos, provavelmente poderão não ser chamadas para novos trabalhos na televisão, ou serem chamadas para fazer papéis de avó, e não mais de mulheres “maduras” elegantes, magras e jovens.

Além disto, existe também o fator classe social, que se apresenta bastante marcado dentro das tramas as quais as atrizes estão representando. Certamente, o discurso introjetado é de que

somente mulheres ricas podem se dar ao luxo de se cuidarem da maneira correta. Embora representado desta maneira, na realidade fora da televisão, as mulheres de todas as classes e idades exercem sua preocupação com as renovações corporais, somente as maneiras de fazê-lo é que talvez sejam diferentes. Inclusive, existem pesquisas¹⁶ que já apontam o crescimento com os gastos na chamada “indústria da beleza” por parte das classes mais populares. Isso pode ser uma indicação de que a mídia possa estar incidindo sobre o poder de consumo das diferentes mulheres no Brasil.

É claro que esta discussão ainda pode percorrer longos caminhos, mas de antemão é possível considerar que se as mulheres compreendessem o processo de envelhecimento de uma maneira mais adequada a realidade, como um processo natural e comum a todos, marcado por perdas e mudanças, porém propício a novas conquistas geradas pela experiência pessoal vivida e os saberes acumulados, seria possível oferecer assim oportunidade de realizar projetos abandonados em outras etapas da vida, por exemplo. Desta

forma, seria possível envelhecer com menos sofrimento, investindo em outros capitais, que não só o físico.

Notas:

1. De acordo com o senso demográfico de 2010, o IBGE confirma o aumento da expectativa de vida do brasileiro e coloca que a tendência é que esse crescimento continue nos próximos anos. Para maiores informações cf. IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Sinopse do censo demográfico 2010. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/sinopse.pdf> > Acesso em 30 abr. 2011.

2. Neste artigo serão consideradas mulheres em envelhecimento, aquelas que variem de uma média de 48 à 65 anos de idade aproximadamente.

3. A utilização do termo “estigma” neste artigo se dá de acordo com o conceito de Goffman (1963) que é usado para referenciar um atributo profundamente depreciativo, indicando uma pessoa estranha, “estragada”, diminuída, perante os padrões da sociedade.

4. SILVEIRA, J. Procura por cirurgia plástica cai nos EUA e sobe no Brasil em 2009. Folha Online. Equilíbrio, 04 mai. 2010. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u729918.shtml> > Acesso em 05 jul. 2011.

5. O Botox é uma toxina utilizada para paralisar a musculatura do rosto onde existem rugas e marcas de expressão. Maiores informações cf. COLANERI, A. Toxina Botulínica: a coqueluche da estética. Cirurgia Estética. Estética. Disponível em: < <http://www.cirurgiaestetica.com.br/medicina/toxina-botulinica.asp> > Acesso em 20 out. 2011.

6. A atriz Cássia Kiss tem 53 anos e representa a personagem Dulce, na telenovela Morde e Assopra, no horário das 19h, na Rede Globo de Televisão.

7. A atriz Christiane Torloni tem 54 anos e representa a personagem Tereza Cristina, na telenovela Fina Estampa, no horário das 21h, na Rede Globo de Televisão.

8. A atriz Lília Cabral tem 54 anos e representa a personagem Grizelda, na telenovela Fina Estampa, no horário das 21h, na Rede Globo de Televisão.

9. A atriz Regina Duarte tem 64 anos e representa a personagem Clô Hayalla, na telenovela O Astro, no novo horário para o gênero, às 23h, na Rede Globo de Televisão.

10. CÁSSIA Kiss para Veja. Contigo.com.br. Notícias. 18 jul. 2011. Disponível em < <http://contigo.abril.com.br/noticias/cassia-kiss-para-veja-detesto-plasticas-botox-odeio-tambem-quem-faz> >. Acesso em 20 out. 2011.

11. DE MAIÔ Christiane Torloni exibe boa forma e condena Botox. Extra. Famosos: retratos da vida. 09 out. 2011. Disponível em: < <http://extra.globo.com/famosos/de-maio-christiane-torloni-exibe-boa-forma-condena-botox-engessa-expressao-2737424.html> > Acesso em 20 out 2011.

12. NUNCA fiz plástica nem Botox. Terra. Diversão. Gente. 04 set. 2011. Disponível em: < <http://diversao.terra.com.br/gente/noticias/0,,OI5329812-EI13419,00-Nunca+fiz+plastica+nem+botox+a+firma+Lilia+Cabral.html> > Acesso em 20 out. 2011.

13. O Legato é uma técnica de infusão dérmica que cria micropontos na pele. Com o laser o creme penetra mais fundo na pele, rejuvenescendo a mesma, sem precisar da aplicação de Botox. Maiores informações cf. LEGATO: aparelho intensifica tratamentos de pele. GNT. Beleza. Dicas. 10 abr. 2011. Disponível em: < <http://gnt.globo.com/beleza/dicas/Legato--aparelho-intensifica-tratamentos-de-pele.shtml> >. Acesso em 21 out. 2011.

14. REGINA Duarte. Quem acontece. Quem News. 10 jul. 2011. Disponível em: < <http://revistaquem.com.br> > Acesso em 20 out. 2011.

globo.com/Revista/Quem/0,,EMI247899-9531,00.html >. Acesso em 21 out 2011.

15. O climatério é a fase da vida em que ocorre a transição do período reprodutivo para o não reprodutivo, devido à diminuição de hormônios sexuais produzidos pelos ovários (estrogênio e progesterona), conhecido também como menopausa.

16. LAN, J. Classe C: gastos com beleza superam os da população mais rica. MKT mais.com. 25 jan. 2011. Disponível em: < <http://www.mktmais.com/2011/01/classe-c-gastos-com-beleza-superam-os.html> > Acesso em 14 ago. 2011.

Referências Bibliográficas

BARROS, M. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: BARROS, M. (org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 4ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p.113-168.

CASTRO, A. L. *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. 2ed. São Paulo: Anna Blume; Fapesp, 2009.

DEBERT, G. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 1999.

FREIRE FILHO, J. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, nº 28, p.18-29, dez. 2005.

GOFFMAN, E. *Estigma*. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1963.

GOLDENBERG, M. O Corpo como Capital. In: GOLDENBERG, M. (org.). *O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. Barueri: Estação das Letras, 2007. p. 17-31.

HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (org.). *Representation: Cultural representation and cultural signifying practices*. London: Sage/Open University, 1997. p.13-74.

MOTTA, A. Chegando pra idade. In: BARROS, M. (org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 4ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p.223-235.

NOVAES, J. *O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: Puc Rio; Garamond, 2006.

_____. *Com que corpo eu vou: sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares*. Rio de Janeiro: Puc Rio; Pallas, 2010.

SANT'ANNA, D. Uma história do corpo. In: SOARES, C. (org.), *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas: Autores Associados, 2007.

VILLAÇA, N. *A edição do corpo: tecnociência, artes e moda*. São Paulo: Estação das Letras, 2007.



CARLISE NASCIMENTO BORGES é Mestranda em Comunicação pela Facomb/UFG. Graduação em Comunicação Social, habilitação Relações Públicas pela UFG, MBA em Gerenciamento de Projetos pela ALFA, e especialização em Docência do Ensino Superior pela FABEC. Possui experiência em Assessoria de Comunicação, Planejamento estratégico e Projetos culturais. Pesquisas focadas nos temas: mídia e cultura, televisão, telenovela, corpo e subjetividade, identidade, e terceiro setor.

carlise.com@gmail.com